

A SEMANA – 192*

2 de fevereiro de 1896

*Avocat, oh! passons au déluge!*¹ Antes que me digas isso, começo por ele. Não esperes ouvir de mim senão que foi e vai querendo ser o maior de todos os dilúvios. Sei que o espetáculo do presente tira a memória do passado, e mais dói uma alfinetada agora que um calo há um ano. Mas, em verdade, a água, depois de ter sido enorme, tornou-se constante, geral e aborrecida.²

Mais depressa que as demandas, a chuva deitou abaixo muitas casas que estavam condenadas a isso pela engenharia; mas as demandas tinham por fim justamente demonstrar que as casas não podiam cair sem dilúvio, e a prova é que este as derruiu. Se deixou em pé as que não estavam condenadas (nem todas), não foi culpa minha nem tua, nem talvez dele, mas da construção. Ruas fizeram-se lagoas, como sabes, e o trânsito ficou interrompido em muitas delas; mas isto não é propriamente noticiário que haja de dizer e repetir o que leste nas folhas da semana, – não somente daqui, mas de outras cidades e vilas interiores. Tratando da nossa boa capital, acho que devemos atribuir o dilúvio, esta vez, antes ao amor que à cólera do céu. O céu também é sanitário. Uma

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 33, p. 1, 2 fev. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 98-103). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Verso da comédia *Les Plaideurs* (1668), de Jean Racine (1639-1699): “Avocat, ah! Passons au déluge.”; “Advogado, ah! Passemos ao dilúvio.” [Trad. livre, nossa] (RACINE. *Les Plaideurs*, acte III, scène III, v. 801, p. 55)

² Jornais cariocas publicaram notícias e matérias sobre fortes chuvas que atingiram o Rio de Janeiro à época, causando problemas vários, como, por exemplo, inundações e desmoronamento de imóveis. Lê-se na *Gazeta de Notícias* (ano XXI, n. 29, p. 1, 29 jan. 1896): “A INUNDAÇÃO / Depois de uma noite mais ou menos tormentosa, amanheceu o dia ontem debaixo de uma chuva torrencial, que durou com igual intensidade por espaço de quase duas horas. / Era de prever-se o que sucedeu, não só à vista dos maus esgotos que possui esta cidade, como do seu imperfeito nivelamento e da sua topografia especial. / Cidade cortada de morros, despenham-se deles nestas ocasiões enxurradas medonhas, arrastando argilas e areias, troncos de árvores, folhagens e tudo o mais que encontram pelo seu caminho. Tudo isso é despejado nas ruas adjacentes e, como os esgotos são insuficientes e os bueiros se obstruem, e não há pessoal numeroso que acuda imediatamente por toda a parte a prestar auxílio, o que se segue é a inundação das mesmas ruas, que se transformam em lagoas, e a conseqüente invasão das águas pelos pavimentos térreos das habitações.” (col. 5); e “DESMORONAMENTO / As chuvas abundantes dos últimos dias abalaram algumas casas do morro do Castelo, que ontem ruíram por terra às 4 horas da tarde, produzindo um grande pânico nos moradores da circunvizinhança. / Estas casas, de construção ligeira e levantadas na encosta do morro, não ofereciam grande segurança, já pela qualidade do material empregado, já pela falta de alicerces.” (col. 7)

grande lavagem pode mais que muitas discussões terapêuticas. Com a chuva que se seguiu ao dilúvio, vimos diminuir os casos da epidemia, enquanto que³ os simples debates nos jornais não salvaram ninguém da morte.

Podia citar dilúvios anteriores,⁴ – os dois, pelo menos, que tivemos nos últimos quinze anos, ambos os quais (se me não engano) mataram gente com as suas simples águas. Águas passadas. O primeiro desses durou uma noite quase inteira;⁵ o segundo começou à uma ou duas horas da tarde e acabou às sete.⁶ Era domingo, e creio que de Páscoa. Mas um e outro tiveram um predecessor medonho no de 1864, que antecedeu ou sucedeu, um mês certo, ao dilúvio da praça. O da praça arrastou consigo todas as casas bancárias, ficando só os prédios e os credores. Não perdi nada com um nem outro. Pude, sim, verificar como os poetas acertam quando comparam a multidão às águas. Vi muitas vezes as ruas perpendiculares ao mar cheias de água que desciam correndo. Uma dessas vezes foi justamente a do dilúvio de 1864; a sala da redação de um jornal, ora morto, estava alagada; descí pela escada, que era uma cachoeira, cheguei às portas da saída, todas fechadas, exceto a metade de uma, onde o guarda-livros, com o olho na rua, espreitava a ocasião de sair logo que as paredes da casa arreassem. Pois as águas que desciam por essa⁷ e outras ruas não eram mais nem menos que as multidões de gente que desceram por elas no dia do dilúvio bancário.⁸

Pior que tudo, porém, se a tradição não mente, foram *as águas do monte*, assim chamadas por terem feito desabar parte do morro do Castelo. Sabes que essas águas caíram em 1811 e duraram sete dias deste mês de fevereiro. Parece que o nosso século, nascido com água, não quer morrer sem ela. Não menos parece que o morro do Castelo,

³ A conjunção “enquanto” une orações que expressam (a) fatos simultâneos e (b) fatos opostos. A locução “enquanto que” é utilizada para realçar o contraste entre dois fatos – equivale a “ao passo que”. (Cf. CEGALLA, 1999, p. 141)

⁴ A história do Rio de Janeiro é marcada por chuvas e inundações que provocavam vários “dilúvios” – desabamento de casas, alagamento de ruas, destruição do comércio, problemas de transporte, doenças, etc. Essas enchentes foram registradas desde princípios do povoamento da cidade. Há notícias de que chuva, precedida por ventos fortíssimos, atingiu o Rio de Janeiro em abril de 1756, provocando inundações em toda a cidade, desabamento de casas e mortes. No século XIX, aconteceram várias enchentes famosas (1811, 1833, 1862 e 1864): a principal delas foi a de fevereiro de 1811, conhecida como “Águas do monte”, pela destruição parcial do morro do Castelo; outra enchente histórica foi a de 1864, que ficou conhecida como “Chuva de pedra” (chuva de granizo) – ela destelhou casas, provocou inundações e mortes. (Cf. MAIA, 2014, p. 247-274)

⁵ Chuvas e problemas delas decorrentes são assuntos frequentes nas crônicas machadianas. Em “A Semana – 152”, de 28 de abril de 1895, em tom jocoso, o cronista menciona ter passado a noite de 26 de abril (1895) numa espécie de bonde-arca – em decorrência de fortes chuvas, o bonde converteu-se numa “arca de Noé”. (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 105-109, 2021)

⁶ Não identificamos a data deste “segundo” dilúvio.

⁷ essa] essas – em GN e SEM1953. (Possível descuido tipográfico.)

⁸ “O Encilhamento foi a denominação dada à ‘bolha’ especulativa na bolsa de valores do Rio de Janeiro, que começa no final do Império, tem grande impulso com a reforma monetária e na lei societária feita por Rui Barbosa, e experimenta a sua decadência lenta e dolorosa nos anos posteriores à crise cambial de 1891.” (FRANCO, 2007, p. 142) Machado de Assis referiu-se ao Encilhamento como “dilúvio”, em “A Semana – 90”, de 11 de fevereiro de 1894. (*Machadiana Eletrônica*, v. 1, n. 2, p. 53-56, jul.-dez. 2018)

cansado de esperar que o arrasem, segundo velhos planos, está resoluto a prosseguir e acabar a obra de 1811. Naquele ano chegaram a andar canoas pelas ruas; assim se comprou e vendeu, assim se fizeram visitas e salvamentos. Também é possível, como ainda viviam náiades, que assim as fossem buscar às fontes. Talvez até se pescassem amores.

Se remontares ainda uns sessenta anos, terás o dilúvio de 1756, que uniu a cidade ao mar e durou três longos dias de vinte e quatro horas. Mais que em 1811, as canoas serviram aos habitantes, e o perigo ensinou a estes a navegação. Uma das canoas trouxe da rua da Saúde (antiga Valongo) até à igreja do Rosário não menos de sete pessoas.⁹ Naturalmente não vieram a passeio, mas à reza, como toda a gente, que era então pouca e devota. Caíram casas dessa vez; a população refugiou-se ao pé dos altares. Afinal, como a cidade não tinha ainda contados os seus dias, fecharam-se as cataratas do céu; as águas baixaram e os pés voltaram a pisar este nosso chão amado.

Remontando ainda, poderíamos achar outros dilúvios pela aurora colonial e pela noite dos tamoios;¹⁰ mas, isto de chuva continuada não sei se é mais aborrecido vê-la cair que ouvi-la contar. Shakespeare põe este trocadilho na boca de Laertes, quando sabe que a irmã morreu afogada no rio: “Já tens água demais, pobre Ofélia; saberei reter as minhas lágrimas.”¹¹ Retenhamos a tinta. A tinta de escrever faz as tristes chuvas do espírito, e em tais casos não há canoas que naveguem: é apanhar ou fugir. Por isso não falo do dilúvio universal, como era meu propósito. Queria lembrar que, por essa ocasião, uma família justa foi achada e poupada ao mal de todos.¹² Verdade é que os seus descendentes saíram tão ruins, em grande parte, como os que morreram, e melhor seria que os próprios justos acabassem; mas, enfim, lá vai.¹³ Dar-se-á, porém, se estamos no começo de outro dilúvio universal, que não haja agora exceção de família nem se salve a memória dos nossos pecados?

Uma senhora, a quem propus esta questão por meias palavras, acudiu que não pode ser, que não tem medo e citou a folhinha de Ayer.¹⁴ Leu-me que teremos bom tempo e calor grande daqui a dias, e pouco depois novo transbordamento de rios, como agora está sucedendo, desde o das Caboclas¹⁵ até o Paraíba do Sul. O primeiro ainda

⁹ Região da rua do Valongo (praça Mauá) até a igreja do Rosário (Rosário, esquina da avenida Rio Branco). (Cf. MAIA, 2014, p. 250)

¹⁰ A respeito do mito do dilúvio entre os povos indígenas do Brasil, Joaquim Norberto de Sousa Silva (2001, p. 191) diz: “A tradição do dilúvio era a mais geral em todo o Brasil. ‘este ponto, escreve Léry [1980, p. 215-216], é o que há entre eles de mais parecido com a Escritura”.

¹¹ *Hamlet* – ato IV, cena 7.

¹² Gênesis 7,1-24. (BÍBLIA, 2003, p. 43-44)

¹³ Este é o tema de “Na arca – Três capítulos inéditos do Gênesis”, escrito machadiano incluído em *Papéis avulsos* (1882), que pode ser lido na *Machadiana Eletrônica*, v. 8, n. 15.

¹⁴ Sobre Ayer, ver nota 6 da crônica de 22 de dezembro de 1895 de “A Semana – 186”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

¹⁵ Outro nome do rio Carioca, que nasce na floresta da Tijuca e deságua no mar na altura da praia do Flamengo.

não transborda, mas não tarda. Confessou-me que não crê nos remédios de Ayer, mas nos almanaques. Os almanaques são certos. Se eles dessem os números das sortes grandes e os nomes dos bichos vencedores seriam os primeiros almanaques do mundo. Entretanto, não duvida que um dia cheguem a tal perfeição. O mundo caminha para a saúde e para a riqueza universais, concluiu ela; assim se explicam os debates sobre medicina e economia e a fé crescente nos xaropes e seus derivados.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 33, p. 1, 02 fev. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13543>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Bons dias!* Introdução e notas: John Gledson. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulus: Paulus, 2003.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

MAIA, Andréa Casa Nova. Imagens de uma cidade submersa: o Rio de Janeiro e suas enchentes na memória de escritores e fotógrafos. *Escritos (Fundação Casa de Rui Barbosa)*, ano 6, v. 6, p. 247-274, 2014.

RACINE, Jean. *Les plaideurs*. Disponível em: <https://www.theatre-classique.fr/pages/pdf/RACINE_PLAIDEURS.pdf>

SHAKESPEARE, William. *Grandes obras de Shakespeare: Romeu e Julieta; Hamlet; Otelo, o mouro de Veneza; Macbeth*. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Edição e notas por José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.